

Helena Carreiras

Ministra da Defesa Nacional

**Intervenção da Ministra da Defesa Nacional, Helena Carreiras, por ocasião
do Dia da Restauração da Independência**

Praça dos Restauradores, Lisboa, 1 de dezembro de 2022

Celebramos hoje o aniversário da Restauração da Independência de Portugal. Uma data que nos convoca a recordar como a nossa soberania pode e deve ser protegida; como o podemos e devemos fazer no atual contexto internacional. Acima de tudo, **recordamos e celebramos a coragem e a determinação dos Portugueses para retomar o seu percurso enquanto nação indivisa**, recuperando, assim, a independência nacional.

Esta demonstração de vontade coletiva permitiu ultrapassar um dos momentos mais difíceis da nossa história. As lições daí retiradas ao nível de resiliência e inconformismo, ser-nos-iam particularmente úteis noutros contextos, quando o exercício pleno da nossa soberania tremeu, mas não esmoreceu.

O valor intrínseco desta celebração recebeu novo significado assim que a independência passou a ser sinónimo de liberdade.

Uma liberdade estendida de forma permanente a toda a população em abril há quase 50 anos, devidamente ancorada por um Estado de Direito democrático. Liberdade, sobretudo, para que todas e todos pudessem contribuir para o desenvolvimento do seu país.

Para tal, resultou necessário que o Estado proporcionasse as condições necessárias de segurança. No cumprimento deste objetivo, importa relevar o contributo imprescindível das Forças Armadas, enquanto garantes da realização de uma sociedade livre, justa e solidária. **Quando juram perante a bandeira nacional, os nossos militares juram também lutar pela liberdade e pela independência, se necessário com o sacrifício da própria vida.**

Esta devida homenagem que hoje tem lugar implica reconhecer que **uma nação soberana se constrói e se reforça também através de um contributo sustentado para a segurança coletiva de outros.** É nesse âmbito que se justifica o papel relevante que Portugal assume atualmente como produtor de paz e segurança global. E é, por isso, que nos encontramos hoje junto dos nossos Aliados e Parceiros em cenários tão distantes, mas ao mesmo tempo, tão próximos da prossecução dos interesses nacionais, como a Roménia, a República Centro Africana ou Moçambique.

Mas o compromisso entre a Pátria e aqueles e aquelas que a protegem com entrega e sentido de dever, requer igualmente uma evocação constante dos que tomaram em nome do seu país, dignificando a sua memória e a sua ação, e assinalando os feitos por si alcançados. **A melhor celebração da Restauração da nossa independência é aquela que honra este compromisso assumido por gerações de homens e mulheres que ajudaram a**

cuidar da nossa soberania além fronteiras, bem como a construir e a proteger o nosso futuro comum.

Trezentos e oitenta e dois anos volvidos sobre aquele 1º de Dezembro, Portugal enfrenta hoje um conjunto diferente de desafios. Muito embora a sua independência não se encontre diretamente ameaçada, **continua a ser necessário proteger diariamente os ganhos da Restauração.**

Isso passa por preservar e cuidar do nosso território **em todos os domínios**. Em particular, **o espaço marítimo, pela sua dimensão, constitui um desafio permanente**, seja ao nível dos seus recursos – do seu conhecimento, da sua vigilância, e da sua monitorização – seja ao nível do sensível equilíbrio ambiental que daí decorre e que a todos diz respeito. A articulação nacional em prol destes objetivos representa um desígnio que teremos que assumir

coletivamente, com impacto sobre quem somos e sobre quem queremos vir a ser enquanto país soberano.

Mas a conceção do que é a independência de um país extravasa os meros limites da dimensão militar e material. **Abarca o nosso modo de viver e de estar em comunidade**, ancorados por valores e princípios que nos norteiam e que nos proporcionam garantias de estabilidade e paz. Valores e princípios que têm sido postos em causa por agressões aos pilares da comunidade internacional em que nos inserimos e onde somos parte ativa.

É perante essas ameaças que devemos saber valorizar sempre a independência nacional, em todas as esferas: económica, social, política e cultural. Uma independência que encontra o seu sentido não no fechamento, mas na abertura ao outro, não no isolamento, mas na cooperação; uma independência que se fortalece na

afirmação dos valores da democracia, do Estado de Direito e dos direitos humanos, na valorização da diversidade e do pluralismo.

Os Portugueses reafirmaram, a 1 de dezembro de 1640, que queriam ser independentes. As consequências dessa afirmação encontram expressão no nosso dia-a-dia e encorajam-nos a recordar como **a liberdade de muitos pode ser defendida por poucos**, e como **a integridade de um país encontra força no contributo de todos**.

Viva a liberdade, viva a independência, viva Portugal.